

Entrevista

Ricardo Zuniga. Cônsul-geral dos Estados Unidos em São Paulo

“Temos plena certeza de que a economia brasileira vai se recuperar”

MAURÍCIO MARTINS

DA REDAÇÃO

O cônsul-geral dos Estados Unidos em São Paulo, Ricardo Zuniga, está há seis meses no cargo. Antes foi assistente especial do presidente norte-americano Barack Obama e diretor sênior do Conselho de Segurança Nacional da Casa Branca para as Américas. Atuou ativamente nas negociações para reestabelecer as relações diplomáticas com Cuba e conseguiu a aproximação dos dois países, embora as diferenças ainda sejam evidentes. Em sua primeira visita a Santos, na sexta-feira, Zuniga encontrou empresários e autoridades portuárias para discutir formas de estreitar os laços comerciais e econômicos da Cidade com os Estados Unidos. Também esteve na sede de A Tribuna, onde reforçou a total confiança na recuperação da economia brasileira e o interesse de empresas norte-americanas no Brasil. O cônsul tem 45 anos, nasceu em Honduras e foi para os Estados Unidos em 1978. É formado em Relações Internacionais e Estudos Latino-Americanos pela Universidade de Virgínia. Na entrevista a seguir, concedida em português fluente, Zuniga falou ainda sobre a dificuldade para isentar brasileiros do visto americano e da procura pelos Estados Unidos para turismo ou por jovens em busca de estudo.

Como estão as negociações para facilitar a entrada de brasileiros nos Estados Unidos, acabando com a necessidade do visto?

Existe uma série de questões muito técnicas que precisam ser estabelecidas entre os dois países, é parte de uma conversa entre as autoridades dos Estados Unidos e do Brasil. Uma das questões é ter menos de 3% de rejeição (atualmente a taxa de rejeição de vistos para brasileiros é de aproximadamente 3,5% e os países que têm isenção de visto precisam estar abaixo de 3% de documentos negados), outra é ter estabelecido (entre os países) uma troca de informações.

Mas essas tratativas já avançaram? São muito demoradas?

É muito complicado para um País grande como o Brasil, é uma questão legal, técnica, precisa estudar. Mas o governo do Brasil tem interesse e estamos em conversa permanente, mas não podemos dizer que está próximo (de acontecer a isenção). É um prazo mais longo.

Como os Estados Unidos acompanham a crise brasileira, especialmente o governo americano, já que o senhor é muito próximo ao presidente Barack Obama?

Antes de tudo, temos que dizer que os Estados Unidos estão apostando no futuro do Brasil. Nós temos plena certeza de que a economia brasileira vai se recuperar. O Brasil tem o capital humano, os recursos, tudo de que precisa para se recuperar. E as empresas norte-americanas estão fazendo investimentos no Brasil porque também acham isso. Agora, é certo que é uma situação muito difícil para o Brasil e nós



NIRLEY SENA

“Importante enfatizar que o Porto de Santos tem excelentes relações com portos como Long Beach, na Califórnia, e de Miami”

“Lembro que 2014 foi o ano recorde da chegada de brasileiros nos Estados Unidos, foram 2,4 milhões. Eles continuam chegando como turistas”

estamos trabalhando para fazer todo o possível para agilizar o intercâmbio comercial entre os dois países.

O senhor poderia dar exemplos desse intercâmbio?

Temos um programa piloto relacionado às patentes, para agilizar o reconhecimento de patentes de ambos os países, estamos em um período inicial. Na infraestrutura, estamos trabalhando muito bem para encontrar uma maneira de agilizar o investimento norte-americano no Brasil. E também agilizar o investimento brasileiro nos Estados Unidos, que é importante para assinalar a nossa confiança na indústria brasileira. Estamos procurando isso ativamente.

É muito difícil o investimento do empresário brasileiro nos

Estados Unidos? As regras são muito rígidas?

Temos aqui um escritório do Departamento de Comércio dos Estados Unidos, no Consulado, em São Paulo. Ajuda, porque tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil os estados têm diferentes regras para incentivar os investimentos. O que fazemos é ajudar as empresas brasileiras a encontrar bons parceiros nos Estados Unidos e entender a regulamentação de onde querem fazer o investimento. Também temos representações de vários estados, como Califórnia, Texas, Flórida, aqui no Brasil, o que ajuda as empresas a estabelecer uma base nos Estados Unidos.

Quais são as áreas preferidas no Brasil para investimentos de empresas norte-america-

nas? Santos é atrativa?

Importante enfatizar que o Porto de Santos tem excelentes relações com portos como Long Beach, na Califórnia, e de Miami. E também há excelentes relações entre as empresas que fazem investimentos na infraestrutura portuária, há muito interesse no Brasil. E também na tecnologia vinculada ao setor de saúde. Temos muitas empresas nos Estados Unidos que são especialistas em melhorar a informática, a tecnologia relacionada a sistemas de saúde estaduais ou da iniciativa privada. A energia renovável é outro setor de importante interesse para os Estados Unidos.

Com a crise e dólar alto, a tendência é de que o brasileiro deixe de gastar no exterior. Isso já reflete na diminuição

de turistas daqui nos Estados Unidos?

O que vemos é as empresas reportando que o fluxo continua. Lembro que 2014 foi o ano recorde da chegada de brasileiros nos Estados Unidos, foram 2,4 milhões. Eles continuam chegando como turistas. Agora, essa agenda pode ser modificada, eles podem não ficar por tanto tempo ou ir para outros locais. Podemos ver também um incremento na variedade de locais que os brasileiros visitam, não é só Nova Iorque e Flórida, mas Califórnia, Chicago, outras partes.

Há incentivos para jovens brasileiros que pretendem estudar fora?

Acabamos de ter o Ciência sem Fronteiras, programa do Governo do Brasil que enviou 101 mil brasileiros ao exterior

para estudar, 33 mil brasileiros chegaram aos Estados Unidos pelo programa. Esse é um sinal importante para nós, o interesse dos alunos brasileiros. Nós também temos um programa, anunciado pelo presidente Obama, para ter um intercâmbio que permita a saída de 100 mil norte-americanos para estudar em universidades das Américas a cada ano. É um eixo central na relação bilateral. Uma parte muito importante para melhorar o êxito dos alunos brasileiros nos Estados Unidos é que eles cheguem com a capacidade de falar inglês. Então nós estamos trabalhando muito de perto com as autoridades no Ministério da Educação do Brasil para ajudar no ensino de inglês. Esta semana chegaram 81 professores de inglês que vão trabalhar nos estados. E vamos ter mais, este é um compromisso de nossa parte.

O senhor foi um dos negociadores responsáveis pela retomada das relações diplomáticas dos Estados Unidos com Cuba. Em março, o presidente Obama fará uma visita oficial ao País. Como foram essas tratativas?

O presidente Obama pediu para tentarmos uma nova fórmula para estimular as mudanças positivas dentro de Cuba, ter vínculos mais diretos entre os cubanos e os norte-americanos, criar oportunidades para os cubanos e integrar Cuba na comunidade das Américas, como deve ser. É um País que tem uma população importante nos Estados Unidos, temos vínculos culturais importantes, como nossa comunidade na Flórida e em outros estados. Queremos ver melhoria na vida dos cubanos e acabar com uma política sem êxito que estava criando distância com outros países das Américas. Queremos olhar ao futuro e não ficar no passado. No dia em que anunciamos a mudança na política comunicamos a presidente Dilma Rousseff – foi um dos poucos líderes mundiais a quem comunicamos. Porque sabemos que para o Brasil é importante e que o País pode ajudar a população cubana a avançar.

Mas o início da negociação foi difícil, como foi a receptividade de Cuba?

Foi uma conversa de 18 meses, alguns momentos foram muito difíceis. Foram muitos profissionais do lado cubano. Mas ambos estávamos atuando sabendo que seguíamos os requisitos estabelecidos pelos líderes e tínhamos que chegar a uma solução. Mas até as últimas semanas não sabíamos o que ocorreria. Era o momento para fazer mudança, o presidente Obama estimulou isso. Foi difícil, temos diferenças muito significativas ainda hoje, mas o compromisso era de procurar uma nova maneira de resolver essas diferenças.